

CONTRAHUMANO
CONTRA~~HUMANO~~
~~CONTRA~~HUMANO



PROGRAMAÇÃO RESUMOS

CONTRAHUMANO

CADERNO DE RESUMOS & PROGRAMAÇÃO

CONTRAHUMANO

28 e 29 maio de 2025

Sala Carlos Antunes – 6o andar, Edifício Dom Pedro I, campus Reitoria, UFPR, Curitiba

Inscrições no local

Organização

Alice Freyesleben, Atilio Butturi Junior, Fábio Feltrin, Priscila Piazzentini Vieira

Um evento promovido por:

SPECIES | Campo Discursivo UFSC | Programa de Pós-Graduação em História -UFPR |
Programa de Pós-Graduação em Linguística – UFSC | Programa de Doutorado Interdisciplinar
em Ciências Humanas – UFSC

Arte: Pedro Paulo Venzon Filho a partir da pintura de Lee Jin-Ju

SOBRE O CONTRAHUMANO

O evento pretende reunir pesquisadoras e pesquisadores de diferentes campos do saber que têm desenvolvido, na UFPR e na UFSC, pesquisas que problematizam o estatuto do humano, desde perspectivas pós-humanistas e neomaterialistas, colocando em discussão as práticas de produção de cesuras entre humanos, não-humanos, mais que humanos, outros que humanos, por um lado, e os modos de invenção de um exclusivismo humano pautado na linguagem.

PROGRAMAÇÃO E RESUMOS

MESA 1 | 28 maio | 13h às 15h30min

Mediação: Alice Freyesleben e Fábio Feltrin

FABULAR RELACIONALIDADES: O HUMANO, O DISCURSO E O MUNDO

Nathalia Muller Camozzato

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC)

A partir de um acontecimento, tal como Foucault o entende, ou de um fenômeno, tal como Barad o conceitua, ou, ainda, de uma estória, tal como tenho caracterizado na companhia de Haraway e Le Guin, envolvendo a sala de aula em uma cidade de interior, aulas de português, escolarização de jovens e adultos, o frio da serra catarinense e um bezerro separado de sua mãe, intento aqui fabular relacionalidades entre os mundos humano e não humano e compreender os modos como a linguagem e o discurso, em intra-ações, atuam como mediadores em topologias específicas, neste caso, uma topologia rural. Interessa a esta comunicação proliferar concepções de linguagem e de discurso desde uma visada não dualista e não antropocêntrica para narrar uma figuração de mundo, em suas inteligibilidades e fronteiras locais e contingentes, em que as aulas de língua portuguesa compreendem, sem hierarquias ontológicas, o mugir de um bezerro e as práticas de letramento.

FRATERNIDADE COMO DISCURSO PARA A SUJEIÇÃO: UMA GENEALOGIA DO DISPOSITIVO DE RACIALIDADE NA OBRA DE JOSÉ MARIA TORRES CAICEDO (1875)

Cezar Augusto Oliveira Camparim

Graduando- História (UFPR)

Na seguinte pesquisa buscou-se analisar a construção discursiva da identidade racial latina nas américas na obra *Mis ideas y mis Principios*, de autoria de José María Torres Caicedo (1830-1839), publicada em 1875. Desdobrando uma leitura do conceito raça e identificando nas proposições do autor projetos de poder que instrumentam: superioridade racial; controle populacional e; papéis de gênero em favor de uma moral reprodutiva heteronormativa.

ANIMALIZAR FEMINISMOS: TECNOLOGIAS PÓS-HUMANISTAS NOS FEMINISMOS DISSIDENTES DO SUL

Rafaela Zimkovicz

Mestranda-História (UFPR)

Privilegio as contribuições dos ativismos de feminismo sexo-dissidente da América Latina para fraturar a matriz ontológico-política humanista, perguntando-me: As promessas das monstras, onde estão? Analiso aqui quais tecnologias pós-humanistas têm sido produzidas por ativistas transfeministas, cuirs, tortilleras/lésbicas e putas, a partir da etnografia digital de performances de val flores (Argentina), Hija de Perra (Chile), e Cerrucha (México). Elas são pontos focais de redes insurgentes que recusam a violência regulatória da Política e seu operador “Homem/Mulher” ao

materializar corporalidades animais. Com elas, construímos um mosaico de poéticas feministas radicais.

AUTISMO, FIGURAS DO HUMANO E LINGUAGEM

Clara Urzedo Rocha Motta

Doutoranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC)

A exposição busca interrogar a constituição do autismo como objeto material-discursivo e sua relação com a emergência de formas específicas de concepção da linguagem. Neste ínterim, intenta-se arregimentar a hipótese do autista como uma figura paradigmática – no sentido agambeniano daquele que fora da série, explica a série – do pós-humano por meio no entrelaçamento das reflexões propostas pelo poeta e etólogo francês Fernand Deligny (2015) e as contribuições teóricas de filósofas feministas como Rosi Braidotti (2024) e Karen Barad (2017).

A HISTÓRIA DE SAIDIYA HARTMAN COMO FOGO ANARQUISTA E CONTRA-HUMANISTA

Maria Julia Silvestre

Mestranda-História (UFPR)

Análise a escrita histórica contra-humanista e anárquica de Saidiya Hartman e sua conexão com as lutas radicais negras, feministas e queer nos Estados Unidos (1990-2022), destacando como Saidiya Hartman, imersa nas revoltas da década de 1990 (L.A. riots) e das décadas de 2010 e 2020 (#SayHerName), constrói um pensamento não-assimilacionista em obras como *Cenas de Sujeição* e *Vidas rebeldes*, belos experimentos. Seu trabalho rejeita as gramáticas fracassadas dos direitos liberais e humanistas, propondo uma escrita histórica anárquica e contra-humanista, que busca evidenciar a constância da prática radical negra, feminista e queer.

INTERVALO ATÉ 16H

MESA 2 | 28 maio | 16h às 18h30min

Mediação: Atilio Butturi Junior e Vinícius Honesko

**DESCENTRANDO O HUMANO: HISTÓRIA, NARRATIVAS E OUTRAS
EPISTEMOLOGIAS**

Carla Trindade Mestranda-História (UFPR)

Considerando o caráter antropocêntrico da disciplina, criada com a proposta de referir-se unicamente a história do Humano, com base em uma episteme que limita muito bem quem/o que detém humanidade, este trabalho busca levantar uma discussão acerca das limitações e possibilidades historiográficas existentes para que histórias não antropocêntricas possam participar dos nossos estudos. Para tal, busca propor o debate sobre como é possível incorporar a historiografia narrativas aliadas dos atos de suspender o céu (Davi Kopenawa), evocar o mundo das cartografias afetivas (Ailton Krenak) e fazer parentes (Donna Haraway).

**“TUDO TEM HISTÓRIA”: O LUGAR DOS ESPECTROS NA COSMOHISTÓRIA
XETÁ**

Bernardo Bento da Silva Oliveira

Advogado e Mestrando em antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia (PPGAA/UFPR)

O povo Xetá originário da Serra dos Dourados, noroeste do Paraná, é uma etnia que sofreu o processo de genocídio no final da década de 40 e início de 50 em razão da ofensiva expansão cafeeira vinda da região norte. Atualmente, depois de um longo processo de crescimento demográfico, grande parte dos Xetá vivem em outro território, na TI São Jerônimo da Serra, no norte do Paraná, isto em razão da dispersão territorial causada pelas intensas invasões em suas terras originárias. O presente artigo pretende abordar a relação simbiótica dos indígenas com os não-humanos presente em seis mitos: a origem Xetá, tomada do fogo, origem dos ratos, história da onça, história do Rio Ivaí e a origem dos brancos. A partir da narrativa dos mitos e das histórias argumento que exista uma cosmo-história Xetá que propõe recomeços cosmopolíticos assombrosos para além da história do genocídio.

O HUMANO ANTES DO HUMANO: HISTÓRIAS AMERÍNDIAS DO COMEÇO E DO PRESENTE

Miguel Carid Naveira

Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia (UFPR)

A partir de um exame da mitologia ameríndia, concretamente dos seres altamente transformacionais definidos como humanos antes do humano vir a existir como tal, pretende-se refletir sobre como a transformação ontológica antecede à história e a interpreta. Essa reflexão permitirá reavaliar o clássico contraste lévi-straussiano entre sociedades frias e quentes, bem como algumas críticas feitas a ele.

A GUERRA DE DENOMINAÇÕES DE ANTÔNIO BISPO DOS SANTOS: A FRATURA RACIAL E AMBIENTAL SOB A PERSPECTIVA HISTÓRICA QUILOMBOLA

Alice Freyesleben

Pós-doutoranda-Programa de Pós-Graduação em História (UFPR)

Conforme destaca o historiador Luiz Marques (2018), a consciência acerca do vínculo entre o aumento da produção e do consumo e a intensificação das pressões ambientais subverteu definitivamente a compreensão histórica ocidental sobre aquilo que se entendia por “desenvolvimento”. O atual colapso ambiental revelou ser falaciosa a premissa de que quanto maior a quantidade de excedentes produzidos, mais desenvolvida a espécie humana seria, já que, usufruiria de melhores condições de vida e de mais garantias à sua reprodução. Em vista disso, muito tem se discutido sobre a necessidade de uma remodelagem radical na maneira como pensamos e teorizamos acerca do desenvolvimento humano e do meio ambiente. A lógica produtivista predominante transformou as relações entre os próprios humanos e entre humanos e não humanos em mercadoria e levou os ecossistemas planetários ao esgotamento. Nesse sentido, a questão de como formular um modelo de interpretação histórica e filosófica não mais vinculado a essa lógica se faz urgente. Não há uma única resposta para essa questão. No entanto, é certo que tal remodelagem implica uma ampla mudança cultural visando promover o engajamento coletivo em ações que barrem a destruição ambiental e garantam que as futuras gerações humanas e não humanas desfrutem das condições planetárias adequadas à vida. Nesse sentido, a presente comunicação defende que práticas diferentes exigem fundamentos conceituais também diferentes e, por isso, tem como objetivo apontar a potência política do pensamento de Antônio Bispo dos Santos. Por não comungar da cosmovisão ocidental, esse autor quilombola brasileiro oferece reflexões sobre os impasses ambientais contemporâneos desde outro ponto de vista declarando “guerra” às “denominações” próprias a perspectiva ocidental (SANTOS, 2015). Dito isso, a presente comunicação discutirá os principais conceitos apresentados por Santos como antídoto aos ditames da racionalidade moderna e alternativas viáveis à incongruência da retórica da sustentabilidade.

18h30min | LANÇAMENTO DE LIVROS

Livro Pós-Humano, Neomaterialismo e Linguagem - organização Atilio Butturi Junior, Marcelo Buzato e Nathalia Muller Camozzato

Livro Agenciamentos Terroristas, Jasbir Puar - Tradução de Priscila Piazzentini Vieira e Luiz Filipe da Silva Correia

MESA 3 | 29 maio | 13h às 15h30min

Mediação: Atilio Butturi Junior e Priscila Piazzentini Vieira

DIREITOS HUMANOS E HISTERIA FEMININA NA EUROPA DO SÉCULO XVIII: OS ESPAÇOS ENTRE O APAGAMENTO E O INTERNAMENTO EM REIVINDICAÇÃO DOS DIREITOS DAS MULHERES E MARIA: OR, THE WRONGS OF WOMAN, DE MARY WOLLSTONECRAFT

Sophia Liberato

Graduanda-História (UFPR)

Este trabalho entende os direitos humanos como instrumentos de exclusão e o internamento de mulheres com alegação de histeria como método de segregação na Europa do século XVIII e privilegia a crítica ao Iluminismo e às teorias de Jean-Jacques Rousseau a partir das obras de Mary Wollstonecraft. O trabalho propõe apresentar as obras *Reivindicação dos direitos das mulheres* (1792) e *Maria: Or, The Wrongs of Woman* (1798), da escritora e teórica política britânica Mary Wollstonecraft, considerando, sobretudo, as temáticas referentes aos direitos humanos e à loucura, pensando em estabelecer reflexões acerca do lugar das mulheres frente às noções de humano no século XVIII, bem como a respeito da histeria como um fenômeno feminino.

“[...] DIU SÓ É DIU QUANDO ESTÁ NO ÚTERO”: A INTRA-AÇÃO DO DISCURSIVO E DO NÃO DISCURSIVO COMO RE-MEMBRAMENTO

Bianca Franchini da Silva

Doutoranda em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Nesta fala, a partir do funcionamento polivalente do dispositivo microprotético (Silva, 2021) e intra-ativo DIU (Franchini da Silva, 2023a, 2023b, 2024), proponho fazer uma defesa cuidadosa de uma análise neomaterialista dos discursos (Butturi Junior; Camozzato, 2023), no costurar foucaultiano a conceitos caros aos estudos neomaterialistas, pós-humanos e compostos, sobretudo com Tsing, Barad, Bennet e Haraway. Ao costurar dois recortes (a irrupção discursiva do DIU, nos anos 1960; e um excerto da estória fabulada de Mirabela, “[...] furando de dentro pra fora”), alguns pontos em nós de análises possíveis são: as agências humanas e das coisas mais-que-humanas e não humanas são actantes no funcionamento desse dispositivo; e a polivalência das intra-ações, na brincadeira de furar o que é dentro e o que é fora, são re-membramentos material-discursivos.

ENTRE A TELA E O CORPO: UMA ANÁLISE NEOMATERIALISTA DE PERFIS SWINGERS NO SEXLOG E INSTAGRAM

Caroline de Lima Dassoler

Doutoranda do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas (UFSC)

Esta apresentação busca investigar alguns perfis de praticantes do swing em ambientes digitais como o Sexlog e o Instagram a partir de uma abordagem neomaterialista. Com base em Butturi Jr. (2023), analiso como a construção de perfis de pessoas da comunidade swinger online se dá por meio da intra-ação entre humanos, algoritmos, imagens e dispositivos digitais. Argumentamos que os perfis não são meras representações de subjetividades, mas agentes ativos na produção de experiências sexuais. A pesquisa busca compreender como os regimes de visibilidade e anonimato moldam as práticas swinger na esfera digital, evidenciando as novas formas de controle e experimentação da sexualidade em plataformas interativas.

O TRAUMA DE GIOVANNI: UMA ANÁLISE DAS ORIGENS E DESDOBRAMENTOS DOS CONFLITOS INTERNALIZADOS DE PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO

Danilo Ribeiro

Graduando-História-UFPR

Este trabalho tem o objetivo de discutir as origens e efeitos traumáticos dos conflitos internalizados de performatividade de gênero. O objeto de análise é a obra literária *Giovanni* (1981) do romancista, dramaturgo, ensaísta e poeta estadunidense James Baldwin. O livro, que parte da experiência afetiva do autor, aqui figura uma literatura de testemunho: ao construir o indivíduo e o mundo, simultaneamente, esta categoria literária emergente do século XX provém da necessidade imperativa em *contar* e *conhecer* a "verdade enterrada" dos eventos traumáticos e, consequentemente, de si (Seligmann-Silva, 2018). O trauma ao qual nos referimos é a *supressão social dos desejos*, um aspecto determinante tanto na trajetória de Baldwin quanto na experiência daqueles que vivem a dissidência sexual. Dessa forma, as dores e angústias dos personagens principais da trama correspondem às próprias vivências do autor. O casal consiste em David, um estadunidense expatriado que vive o conflito neurótico da negação de si e o jovem pelo qual ele se apaixona, Giovanni, um italiano mais próximo de sua sexualidade e da sociabilidade que cultivou a partir dela. Apesar das diferentes condições, no interior de ambos impera o *fato oculto* de seus passados: revividos através do sofrimento recalcado de um tipo de sociabilidade culpabilizante e contraditória – nos termos adotados por este trabalho, a *paranoia anti homossexual* (Hocquenghem, 2020). Ministrá-lo-se-á, então, uma análise literária cujas perguntas-chave são: como o passado traumático assombra o presente? E como, em contraponto, o presente consequentemente conturbado pode elaborar sobre o passado?

MEMÓRIA, ABJEÇÃO E LUTO EM THE AIDS MEMORIAL: REFLEXÕES SOBRE A EPIDEMIA E AS SUBJETIVIDADES DISSIDENTES

Augusto Platini Menna Barreto Gomes

Doutorando-História-UFPR

A comunicação investiga o impacto da epidemia de HIV/aids na construção de subjetividades dissidentes de sexo e gênero, analisando como a aids transcende a esfera biomédica para se tornar um fenômeno cultural, simbólico e biopolítico. A aids é compreendida como um evento histórico que permanece presente, afetando subjetividades e memórias coletivas por meio do trauma e do luto. A comunicação explora a temporalidade rizomática da aids, recorrendo a conceitos como "fantasmagoria" (Derrida) e "devir" (Deleuze) para analisar como a epidemia continua a moldar identidades e práticas sociais. A análise foca no projeto The AIDS Memorial, uma página do Instagram dedicada à preservação da memória de mortos pela aids, destacando como as redes sociais operam como espaços de memória coletiva e resistência ao esquecimento. Essa dinâmica pode ser analisada à luz das reflexões de Pouvoirs de l'horreur, de Julia Kristeva, que define a abjeção como aquilo que perturba a identidade e os limites do sujeito, lançando-o para fora de si mesmo. A aids, por ser uma infecção sexualmente transmissível, é frequentemente associada à transgressão de normas sociais e tabus sexuais, levando à estigmatização e marginalização de pessoas que vivem com HIV, vistas como "abjetas". A abjeção, conforme Kristeva, é um mecanismo psíquico e social que define os limites do sujeito ao rejeitar aquilo que ameaça sua identidade, provocando simultaneamente repulsa e fascínio. Relacionada à construção do simbólico e à normatização dos corpos, a abjeção manifesta-se na produção de identidades estigmatizadas, como pessoas LGBTQIAPN+ ou pessoas vivendo com HIV/aids, cujas corporeidades são vistas como transgressoras.

INTERVALO ATÉ 16H

MESA 4 | 29 maio | 16h às 18h30min

Mediação: Miguel Carid e Fábio Feltrin

**INVERTIDOS E PERVERSOS: A DESSUBJETIVAÇÃO DOS SEXO-DISSIDENTES
NO DISCURSO LITERÁRIO AMADIANO**

Altair Oliveira

Mestrando-História (UFPR)

Resumo: O presente trabalho visa estabelecer uma analítica das condições de possibilidade históricas indagando as descontinuidades discursivas de Jorge Amado em suas obras *Suor* (1934) e *Capitães da Areia* (1937). Percebendo sua tessitura literária como integrante de um projeto de construção de um sujeito revolucionário e de uma identidade nacional própria, postulo a constituição de um “olhar queer” como lente teórico-metodológica voltada para crítica do discurso amadiano de fomento do processo de dessubjetivação de sexo-dissidentes, reposicionando-os como invertidos, perversos e monstruosos.

**SUBJETIVIDADES CONTRA-HUMANAS: DESCONSTRUINDO O IDEAL DO
HUMANO NO CARNAVAL DE CURITIBA**

Giovanni Cosenza

Coordenador de Cultura do Grupo Dignidade e Coordenador Titular de Cultura da Aliança Nacional LGBTI+. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Direito pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Milena Carolina Ribeiro

Produtora Cultural independente | Doutoranda-História (UFPR)

O Bloco Púrpura, presente no Carnaval de Curitiba e homenageando Marcela Prado, critica a figura tradicional do "humano". Ao celebrar a diversidade trans e queer, o bloco desconstrói o sujeito fixo e excludente, promovendo uma ciborguização que reinventa identidades e rompe com os padrões normativos. Dessa forma, a integração entre as ideias de ciborguização, a dissolução das categorias fixas do sujeito e a virtualização das identidades encontra um campo fértil para se expressar nas ruas carnavalescas, transformando o espaço Carnaval em um laboratório de novas subjetividades.

SUBJETIVIDADE ALGORÍTMICA: NOVAS CONFIGURAÇÕES DO MAL-ESTAR NA ERA DIGITAL

Daniel Lomonaco

Doutorado em Psicologia (UFSC)

Esta exposição investiga como os agenciamentos algorítmicos reconfiguram radicalmente a subjetividade contemporânea, articulando as reflexões de Benasayag e Pennisi (2023) sobre tecnologia, Fernández-Savater (2019) acerca do governo dos afetos, e Freud (1930) quanto ao mal-estar civilizatório. Analisamos três vetores: (1) plataformas digitais que transformam afetos em ciclos de validação, (2) substâncias psicoativas convertidas em ferramentas de desempenho e tecnologias de otimização, e (3) jogos digitais que capturam a atenção via recompensas variáveis. Juntos, esses elementos produzem novas formas de subjetividade adaptadas às demandas do capitalismo digital, atualizando o mal-estar freudiano no capitalismo de plataforma.

NÓS, MONSTROS: A DES-HUMANIZAÇÃO COMO PROCESSO DE INSCRIÇÃO DE ALTERIDADE E POTÊNCIA CRIATIVA QUEER

Paula Pretto

Mestranda-História-UFPR

A presente comunicação busca, ao situar-se no campo de debates acerca da monstrosidade, problematizar os processos de subalternização dos corpos de gênero e sexualidade transgressivas à matriz cisheterossexual, entendendo a criação do monstro queer como necessária para a manutenção da concepção da normalidade humana. Para além disso, pretende-se discutir como essa identidade monstruosa pode ser articulada e ressignificada em produções artísticas.

